

FORMAÇÃO DE VALORES ÉTICOS ATRAVÉS DO ESPORTE: UMA PROPOSTA PARA A CONVIVÊNCIA ESCOLAR

Formation of Ethical Values through Sport: A Proposal for School Coexistence

Carlos REY PEREZ

Universidade de São Paulo

Correo-e: reyperez@uol.com.br

Recibido: 9 de septiembre de 2023

Envío a informantes: 27 de septiembre de 2023

Aceptación definitiva: 23 de noviembre de 2023

RESUMO: A construção de sujeitos éticos depende diretamente dos valores que estão implícitos nos conteúdos com os quais os (as) jovens interagem no cotidiano escolar, bem como da qualidade das relações interpessoais estabelecidas entre esses sujeitos e as fontes de conhecimento e valores. O esporte pode surgir como uma possibilidade pedagógica interdisciplinar, visto que o esporte explicita diversas atitudes socialmente valorizadas que se manifestam no jogo. Optou-se como intervenção, a assembleia de classe, um espaço pedagógico organizado para refletir e buscar soluções para os problemas e conflitos que ocorrem no cotidiano escolar, oportunizando que os alunos possam participar de tomada de decisão sobre assuntos que lhes digam respeito. A intervenção foi realizada durante 5 meses, totalizando 18 sessões semanais de 45 minutos cada, divididas alternadamente em: Semana 1 (aulas sobre vivências e valores esportivos); Semana 2: a assembleia de classe. Observou-se que a assembleia de classe influenciou na forma como os estudantes se relacionam e resolvem seus conflitos e o esporte foi um facilitador em processos que envolverem o respeito, a amizade e a solidariedade.

PALAVRAS-CHAVE: Valores; Ética; Esporte; Conflito.

ABSTRACT: The construction of ethical subjects directly depends on the values that are implicit in the content with which young people interact in everyday school life, as well as the quality of the interpersonal relationships established between these subjects

and the sources of knowledge and values. Sport can emerge as an interdisciplinary pedagogical possibility, since sport explains several socially valued attitudes that manifest themselves in the game. The class assembly was chosen as an intervention, an organized pedagogical space to reflect and seek solutions to problems and conflicts that occur in everyday school life, providing opportunities for students to participate in decision-making on matters that concern them. The intervention was carried out for 5 months, totaling 18 weekly sessions of 45 minutes each, divided alternately into: Week 1 (classes on sporting experiences and values); Week 2: the class assembly. It was observed that the class assembly influenced the way students relate and resolve their conflicts and sport was a facilitator in processes involving respect, friendship and solidarity.

KEYWORDS: Values; Ethics; Sport; Conflict.

1. Introdução

A DIVULGAÇÃO DO RELATÓRIO DELORS (Delors *et al.*, 1996) foi um marco da modificação do paradigma do discurso educacional, sugerindo que os sistemas de ensino devem ter como alicerce, quatro pilares: (a) Aprender a Conhecer, (b) Aprender a Fazer, (c) Aprender a Ser, e (d) Aprender a Conviver. Esses pilares devem ser a estrutura de qualquer ação educativa em que o ser humano seja capaz de atuar de forma construtiva e duradoura em relação a ele mesmo e ao outro, em suas dimensões pessoal, cultural, social e profissional.

Em consonância com os novos rumos do processo educativo, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) destaca o compromisso com o desenvolvimento integral dos alunos em suas diversas dimensões e, sugere, a superação da fragmentação e hierarquização entre o desenvolvimento intelectual e o emocional (Brasil, 2017).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) privilegia a educação integral dos educandos para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, orientada por princípios éticos, estéticos e políticos, cujas competências englobam a empatia e a cooperação, o pensamento crítico e criativo, a autonomia, atitudes e valores para resolver os problemas do cotidiano, o pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2017). O desenvolvimento dos educandos é multidimensional e o aprendizado envolve o domínio de competências cognitivas e não-cognitivas, de natureza afetiva e comportamental.

Nesse sentido, o esporte pode emergir como uma possibilidade pedagógica transdisciplinar, uma vez que é uma prática cultural e, principalmente, social das mais relevantes na contemporaneidade, em que se manifestam, no jogo, diversas atitudes valorizadas socialmente. Bento (2006) articula que devemos olhar o esporte através de sua função humanizadora, levando em consideração os aspectos que nos tornam humanos, como os sentimentos, os pensamentos e as emoções.

Esse componente educacional do esporte pressupõe uma constante troca de informação e de relacionamento interpessoal, estabelecendo um espaço em que os processos educativos são formais, não formais e informais (Machado, Galatti, & Paes, 2015). Além disso, o espírito do esporte requer do praticante a condição de um sujeito ativo na construção das atitudes valorosas, não somente no sentido do rendimento esportivo, mas também nas ações de solidariedade, posições políticas e de integração com sua comunidade. Para Gutiérrez (1998, 2003), no âmbito educacional, o esporte

favorece o desenvolvimento de valores sociais e comportamentos pessoais através de suas práticas, seja físico-esportivo ou atitudinal.

Contudo, de acordo com Hirama e Montagner (2020), há um número reduzido de publicações que envolvem a moralidade e o esporte, seja no campo educacional ou no campo estritamente esportivo, em uma perspectiva que proveem uma vivência real como estratégia expressiva para o desenvolvimento de valores para a convivência. Essa estratégia é baseada no diálogo, na concessão de responsabilidades, na relação de confiança e em assembleias de classe (Capllonch Bujosa, Figueras, & Lleixà Arribas, 2014).

Dessa forma, o objetivo geral desta de pesquisa, como proposta de intervenção para a convivência escolar, foi a apresentação dos valores do esporte utilizando-se de sequencias didáticas e desenvolver, em assembleias de classe, sua discussão através das vivências cotidianas dos estudantes. Espera-se repercutir uma melhora na convivência e no clima escolar impactando na construção de relações de respeito e empatia, no diálogo aberto e no fortalecimento do relacionamento com a escola.

2. O esporte como uma prática

Na essência da sua teoria das virtudes, MacIntyre (2001) propõe que é no interior do que chamou de prática que as virtudes são exercitadas. Para MacIntyre (2001), uma prática se compõe de um espaço para adquirir e desenvolver uma habilidade, fornecendo normas e padrões de excelência que podem ser utilizados para julgamento do nosso desempenho ou mesmo dos outros praticantes. Nas palavras do autor

Qualquer forma coerente e complexa de atividade humana cooperativa, socialmente estabelecida, por meio da qual os bens internos a essa forma de atividade são realizados durante a tentativa de alcançar os padrões de excelência apropriados para tal forma de atividade, e parcialmente dela definidores, tendo como consequência a ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência, e dos conceitos humanos dos fins e dos bens envolvidos. (MacIntyre, 2001, p. 316)

O ponto central desta descrição está na noção de bens internos, que são intrínsecos às práticas. Toda prática, como a arte, o esporte, a ciência, bem como, a vida familiar é provida de bens específicos que se mostram inseparáveis e que somente podem ser obtidos pelo engajamento nessa atividade. Devem ser fruto de uma experiência relevante, e conseqüentemente, aqueles que não vivem essa experiência não seriam suficientemente competentes para julgar essas práticas. De fato, existem padrões e normas objetivos que estão de acordo com os ideais de uma comunidade ou sociedade e os padrões de excelência são fornecidas pelas virtudes que são incorporadas à prática pelo modo de agir e pelo seu exercício.

MacIntyre (2001, p. 321) define a virtude em relação às práticas: «[...] como uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costumam nos capacitar a alcançar aqueles bens internos às práticas e cuja ausência nos impede [...] de alcançar tais bens». Com isso, as práticas que visem os bens internos necessitam das virtudes.

É possível deduzir que toda prática envolve a relação com o outro que dela participa e as virtudes são referenciais definidores dessa relação, denotando uma prática social (Boccati, & Santos Neto, 2022).

Outra característica necessária a prática, é possuir uma tradição, que também é comum à sua comunidade, construída a partir de padrões de excelência e, quando ingressamos na prática é preciso reconhecer esses padrões, que não necessariamente estão isentos de críticas, mas as pessoas poderão aprender com a excelência e disso poderá resultar em novos padrões, fortalecendo a competição pelos bens internos (Boccati, & Santos Neto, 2022). A tradição do esporte moderno é baseada mais além do que uma competição esportiva, tornou-se associado aos mais altos padrões de excelência e realização humana (Milton-Smith, 2002).

As práticas promovem as excelências e os valores humanos que constituem uma formação integral das pessoas. Portanto, as práticas são locais propícios para o exercício, disposições e valores, pois é nelas que surgem oportunidades para um desenvolvimento ético e estético.

Os termos esporte e prática estão intimamente ligados, significando um olhar ampliado e centrado para uma perspectiva social e cultural. O esporte está constituído de técnicas e saberes historicamente consolidados, ou seja, de tradição, que lhe dão um significado coletivo através de intervenções sociais.

Em se tratando do esporte, participar de uma prática é poder exercitar suas habilidades e procedimentos, em que se começa a compreender seus padrões e os valores necessários para uma participação com excelência (Chatziefstathiou, 2012; Parry, 1998; Santos *et al.*, 2020)

Ingressar em uma prática, como o esporte, acarreta a aceitação dos seus padrões de excelência. Há uma aproximação das atitudes e preferências dos praticantes com os padrões que definem a prática. Arnold (1992, p. 250) comenta que «[...] quando uma pessoa escolhe voluntariamente entrar no esporte, ela faz um compromisso tácito de respeitar as regras que são aplicáveis. Ao quebrar esse acordo é como fazer uma promessa e depois não a manter». As práticas criam oportunidade de adquirir e expandir os bens internos e desenvolver concepções de valores aplicáveis em nossas vidas (Butcher, & Schneider, 1998; Devine, & Lopez Frias, 2020; Serrano-Durá *et al.*, 2021).

Reid (2012) afirma que o esporte, aplicado como uma prática social, é uma das formas de adquirirmos as virtudes, não somente pelo treinamento ou pelo desempenho esportivo, mas pela participação ativa na comunidade da prática, na qual envolve as pessoas, as histórias e os padrões de excelência. Para a autora, o esporte é muito mais do que um agrupamento de pessoas que compartilham habilidades técnicas, é um grupo unido que compartilham valores.

O respeito a si mesmo e ao outro, bem como as regras e regulamentos, de modo que, as pessoas não utilizem outros meios que não suas próprias capacidades para a superação de objetivos propostos são valores humanísticos que norteiam a participação em atividades esportivas. Constam também desse rol de valores, a amizade e a fraternidade que levam a convivência social, ao entendimento e a compreensão; a formação do caráter pelo autoconhecimento; autocontrole e autorrealização que permite a liberdade, espontaneidade, criatividade e o desejo de identificação com as condições de vida reais; a igualdade e a justiça. Por meio da ação educadora do esporte se dá a formação do caráter do indivíduo, sendo assim, os valores do esporte concentram-se

na busca do melhor de si, não apenas no campo esportivo, mas nas ações cotidianas (Rubio, 2008, 2009).

Dessa forma, a prática, como pano de fundo do esporte, pode oferecer as oportunidades para o exercício das qualidades humanas, cuja natureza é estabelecida pelo próprio esporte, ou seja, da sua atividade e do seu contexto.

3. Valores éticos no esporte: uma revisão

A temática da moralidade tem sido alvo de estudos e propostas de programas e atividades envolvendo esporte e educação, contudo, ainda, tem um papel secundário frente a crise de valores vivida na sociedade contemporânea (Capllonch Bujosa, Figueras, & Lleixà Arribas, 2014; Hirama, & Montagner, 2020).

Melchor Gutiérrez e colaboradores (Gutiérrez, & Montaiban, 1994; Gutiérrez, 1995, 2005; Gutiérrez, & Vivó, 2005; Escartí, Gutiérrez, & Baños, 2005) pautaram a problemática do juízo moral através de estudos de campo a partir da aplicação de dilemas morais em grupos de estudantes nas aulas de Educação Física e esporte. Para os autores está claro que para a construção de uma personalidade ética é necessário a participação ativa dos alunos. O desenvolvimento de valores, seja no esporte como nas aulas de Educação Física, deve ser fruto do engajamento do estudante com atividades desenhadas e planejadas utilizando diferentes processos de raciocínio moral visando alcançar o desenvolvimento de determinados valores.

Nesse mesmo contexto, o Positive Youth Development (PYD) é uma abordagem para a construção de um arcabouço para o desenvolvimento da juventude, que enfatiza os pontos positivos e o desenvolvimento do potencial dos jovens para enfrentar os desafios dessa fase da vida repleta de mudanças, estimulando os jovens na aquisição de comportamentos proativos e a evitar outros que provoquem prejuízos ou danos, além do desenvolvimento de competências para a vida (Curran, & Wexler, 2017; Holt, Deal, & Pankow, 2020).

A partir dos princípios do PYD, algumas outras propostas foram desenvolvidas com foco no esporte, girando em torno de ajudar os jovens a aprenderem competências para a vida e transferir essas competências para outros contextos, como casa, escola e trabalho.

O 4C's (Côté, & Gilbert, 2009; Côté *et al.*, 2010) é uma das propostas do PYD para o esporte, seu objetivo está relacionado com desenvolvimento dos alunos ou atletas em quatro domínios: competência, confiança, conexão e caráter. A aquisição de habilidades motoras para o desenvolvimento de aspectos técnicos e táticos é o cerce do domínio competência; o aprimoramento positivo da autoestima para que suas capacidades sejam uma ferramenta para o sucesso está fincado no domínio confiança; as interrelações pessoais de qualidade, seja no ambiente esportivo ou fora dele, perpassa pelo domínio conexão e; as questões do respeito, integridade, intencionalidade e responsabilidade, integrantes da moralidade, através de comportamentos pró-sociais, formam o domínio caráter. O principal dever dos que dirigem programas a partir dos 4C's é o de facilitar o crescimento e desenvolvimento pessoal (Gould, & Mallett, 2021).

Em consonância com o PYD, a Teaching Physical and Social Responsibility Through Physical Activity (Hellison, 2010) consiste em usar a atividade física como

meio de ensinar um código ou disciplina aos alunos. A intenção do TPSR é que este código seja integrado e internalizado pelos alunos estruturando suas vidas através de valores e de uma disciplina interna, não apenas no ambiente esportivo, mas sejam transferidas para outros aspectos de suas vidas.

Capllonch Bujosa, Figueras & Lleixà Arribas (2014) argumentam que inúmeros trabalhos de investigação realizada nesta área, moralidade e esporte, baseiam-se em programas como o TPSR ou em modelos centrados na tipologia de atividades (jogos cooperativos, jogos de dramatização e jogos motores) e nas perspectivas metodológicas (confrontamento entre competição e a cooperação ou baseado no diálogo).

Observa-se que a ideia de que o esporte e a prática esportiva são atividades que, intrinsecamente, tem um componente de educação em valores, ainda mais que, representam um dos grandes conteúdos da Educação Física nas escolas. Contudo, o potencial do esporte para educar em valores somente terá sua amplitude e eficiência assegurada quando for utilizado de forma adequada, ou seja, quando suas competências e habilidades sejam adquiridas através de experiências vivenciadas na prática esportiva e no engajamento do aluno para que os valores possam ser compreendidos, assimilados e aperfeiçoados.

4. Método

4.1. Participantes

Foi selecionada uma turma de 5.º ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada na cidade de São Paulo-SP. A turma era composta por 24 estudantes sendo 13 meninas (54 %) e 9 meninos (46 %), com média de idade de 10,7 anos (DP ± 0,6 anos). Participaram do presente estudo os(as) estudantes, a professora regente da turma e o pesquisador. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

4.2. Delineamento

Em estudo prévio, a partir da análise da importância da formação de uma personalidade ética na prática educacional (Perez, 2023) foi possível identificar que a escola tem um papel fundamental na discussão e incorporação de valores, a partir dos princípios democráticos e participativos com ênfase no cuidado e respeito com o outro.

Para alcançar o objetivo deste estudo, foi utilizado dois recursos pedagógicos: sequências didáticas e assembleia de classes.

As sequências didáticas são um conjunto de atividades organizadas e planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa, com o objetivo de maximizar a aprendizagem dos alunos, elas envolvem atividades de aprendizagem e de avaliação. As sequências didáticas permitem uma visão diferenciada sobre a organização curricular, pautado na investigação, leva o aluno a problematizar e a refletir sobre o conhecimento apresentado no espaço de aprendizagem, na qual o aluno apropria-se de novos significados e produz novos produtos e processos (Zabala, 2015).

De outro lado, a assembleia de classe é um espaço pedagógico organizado para que estudantes possam refletir e buscar soluções para os problemas e conflitos que aconte-

cem no cotidiano escolar, oportunizando que os alunos possam participar na tomada de decisão sobre os assuntos que dizem respeito a eles mesmos. Segundo Araújo, (2008, p. 119), o objetivo da assembleia não é de se obter consenso e acordo: «[...] e sim, o de explicitar as diferenças, defender posturas e ideias muitas vezes opostas e mesmo assim levar as pessoas a conviverem num mesmo espaço coletivo».

Dessa forma, a coleta de dados foi realizada durante os meses de abril e agosto de 2022, totalizando 12 sessões semanais de 45 minutos cada, sendo divididas alternadamente (sequência didática e assembleia) conforme a Tabela 1.

TABELA 1. Organização da coleta de dados

| Semana | Atividade | Conteúdo |
|--------|--------------------|---|
| 1 | Sequência didática | Experiências corporais sobre a percepção de si mesmo |
| 2 | Assembleia | |
| 3 | Sequência didática | Conceitos de excelência, frustração, empenho, desempenho, superação e respeito no esporte |
| 4 | Assembleia | |
| 5 | Sequência didática | Competição e cooperação no esporte |
| 6 | Assembleia | |
| 7 | Sequência didática | Consumismo, mercantilismo e tecnologia no esporte |
| 8 | Assembleia | |
| 9 | Sequência didática | Doping e 'jogo limpo' no esporte |
| 10 | Assembleia | |
| 11 | Sequência didática | Igualdade no esporte |
| 12 | Assembleia | |

4.3. Instrumento

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o diário de campo para registro das conversas na assembleia de classe, a observação do comportamento dos participantes, as manifestações dos interlocutores e as impressões pessoais do pesquisador, com especial ênfase nos tipos de conflitos mais discutidos, na apropriação por parte dos(as) estudantes das normas e regras e na autorregulação dentro da assembleia, bem como, outros aspectos relevantes que surgiam das discussões.

5. Observações da assembleia de classe

Na última semana de abril de 2022, teve início as assembleias de classe com a turma do 5.º ano. As aulas iniciavam às sete da manhã e as atividades, da quarta-feira começa-

vam com a assembleia de classe. A sala estava organizada com as cadeiras em formato de círculo, em que todos tinham uma visão uns dos outros. De acordo com Araújo (2015), o formato de roda ou de U estabelece uma posição de igualdade entre todos os participantes, favorecendo a percepção de que há simetria democrática.

Segundo Aquino (2003), as assembleias de classe devem ser delineadas em 3 momentos: preparação, debate e acordos. Na preparação é quando serão estabelecidos a pauta de temas para discussão. Na fase debate segue uma ordem para que as discussões não sejam intermináveis. E no momento dos acordos, o objetivo é que se cumpra o que foi combinado na assembleia.

Existe a figura do coordenador da assembleia que tem a função de organizar as manifestações, o tempo de cada fala para dar oportunidade para que todos aqueles que desejarem se manifestem e emitam sua opinião (Aquino, 2003). Foi escolhida como coordenadora das assembleias a professora regente da turma.

A professora J é a melhor opção, porque ela conhece a gente. (estudante)

Ao serem indagados por que da escolha da professora regente da turma como coordenadora da assembleia, os estudantes manifestaram o senso de justiça e liderança da professora.

A professora J trata a gente de forma diferenciada, eu me sinto diferenciado ou até mesmo igual a todos. Porque são poucos que dão essa oportunidade pra gente. (estudante)

A 1.^a sessão da assembleia foi marcada pela definição de combinados para o bom andamento das discussões, necessitando de uma elaboração coletiva e de forma dialógica.

Ter combinados, a gente deve ter regras nas nossas vidas, pra poder pensar e alcançar muitas coisas boas. (estudante)

De acordo com Araújo (2015, p. 70),

[...] uma das funções primordiais das assembleias consiste na construção de regras e normas que regulem a convivência e as relações interpessoais, de modo a permitir que as diferenças de valores e de opiniões possam se manifestar democraticamente e de forma não violenta nos espaços escolares.

Nos combinados podem aparecer as crenças pessoais, a experiência de vida, valores estabelecidos e o confronto de ideias e posições. Aqui se aplica a autorregulação individual e do grupo. Depois de construídas as regras, em caso de desacordo, deve-se apresentar novas propostas para que o problema não volte a se repetir e a conscientização das consequências do conflito no grupo, visando o cumprimento dos acordos (Araújo, 2015).

Dessa forma, estabeleceu-se os seguintes combinados com a turma: levantar a mão para pedir a palavra; manifestar-se e ouvir nos momentos oportunos; cuidar para que as falas não sejam repetitivas e; não fugir do assunto/tema proposto.

Nesse momento de combinados constituiu-se a primeira relação com o esporte.

Posso falar uma coisa? (levantando a mão) Quando o juiz apita você tem que respeitar, existem regras, não pode debater, então aprende a respeitar as regras pra tentar jogar e fazer o seu melhor. (estudante)

A discussão nas assembleias sempre foi iniciada pela coordenadora, perguntando se alguém gostaria de propor o assunto da pauta e se esse estudante gostaria de manifestar-se, gerando assim o início da discussão.

Nas sessões de assembleia, um tema que se destacou de maneira intensa nas falas dos(as) estudantes foi o bullying. O bullying se caracteriza por atitudes e comportamentos agressivos, de forma intencional, direta e repetitiva, causando danos que podem ser físicos e/ou emocionais a vítima.

Os(as) estudantes enfatizaram em suas falas o problema da aceitação do outro como ele(ela) é.

Muitas crianças sofrem, né, porque são gordas ou magras ou negras ou que preferem ficar no seu canto. Mas, a gente acaba não ligando se não é com a gente. (estudante)

Muitas vezes, nós não queremos nos envolver porque é um assunto de quem faz e quem sofre. (estudante)

Quem faz (o bullying) se acha poderoso porque faz em turma. (estudante).

O que chama a atenção nas narrativas dos(as) estudantes é a questão do pertencimento. A ‘vítima’ parece não pertencer àquele grupo ou local e, ao mesmo tempo, o ‘agressor’ pertence a um determinado grupo.

Dessa forma, a escola deve ser um lugar de pertencimento em que os(as) estudantes tenham uma perspectiva de acolhida, de ajuda e de proteção, assim, podem incorporar os valores do cuidado no seu cotidiano e nas suas relações pessoais. A escola é um espaço privilegiado que possibilita o desenvolvimento de relações interpessoais e pessoais dos(as) estudantes, auxiliando na convivência social através do exercício dos valores (Morin, 2017).

Outras narrativas aproximaram a questão do pertencimento com o esporte, que invariavelmente busca construir estratégias que ajudam a se proteger e a enfrentar as desigualdades. O sentimento de grupo e de pertencimento, a partir do esporte, pode criar laços de amizade e proteção entre os praticantes.

O esporte é como a família da gente, todo mundo é amigo, todo mundo se gosta, ninguém tem problema um com o outro. (estudante)

Trabalho em equipe, conviver com pessoas que você não conhece. (estudante)

Aprendi também que é só um jogo, a gente tem que respeitar os outros independente dos adversários, se eles ficarem ‘zuando’ a gente não tem que ligar muito, a gente tem só que respeitar mesmo. (estudante)

A convivência e o pertencimento fazem com que laços de amizade se materializassem. Tubino (2005) relembra que as atividades físicas e principalmente esportivas se constituem nos ótimos meios de convivência humana. O pertencimento a um grupo relaciona-se com a noção de identidade, que ao mesmo tempo tem um caráter indi-

vidual, ligado à sua representação de si, bem como social, quando está vinculada a relação com outro, primordial no conceito de amizade.

Para Tillmann-Healy (2003), a amizade envolve estar no mundo com os outros, recebendo ativamente seus saberes. Os amigos ficam juntos principalmente através de interesses comuns. Há um sentimento de união e aproximação emocional. Busca-se no amigo uma série de elementos como a confiança, a honestidade, o respeito, o compromisso, a segurança, o apoio, a generosidade, a lealdade, a reciprocidade, a constância, a compreensão e a aceitação.

Ressalta-se que uma das sequências pedagógicas trabalhadas com os alunos foi a de desenvolver atividades que promovam uma consciência corporal, um outro conteúdo da Educação Física. Os estudantes lembraram as atividades desenvolvidas durante a experiência corporal.

A brincadeira de se olhar no espelho faz com que a gente veja como nossa cara de medo ou de raiva afeta o outro. (estudante)

Fazer massagem¹ no colega faz a gente pensar o que é tocar e ser tocado. (estudante)

Oferecer possibilidades para o autoconhecimento, gerando um estado de maior consciência de si mesmo implica em uma melhor capacidade de autopercepção e de respeito ao outro, preparando-o para uma interação social capaz de compreender o outro em sua singularidade (Montagu, 1988). Estimular o autoconhecimento pode modificar as relações pessoais, desde que, seja realizado de maneira consciente com o objetivo que se pretende atingir no âmbito escolar. Estimular a reflexão sobre aquela situação da massagem, reflete na atenção do estudante em perceber os próprios sentimentos.

Cooperação e competição foi discutido dentro das assembleias. As narrativas dos(as) estudantes fazem referência sobre seus sentimentos acerca da competição.

Quando eu vou na competição eu penso que o importante não é ganhar e, sim, participar do jogo e da competição. O importante é participar e se esforçar para ganhar. (estudante)

Para mim uma das coisas mais importantes de uma competição é a determinação. (estudante)

Para mim, na competição é importante participar, melhorar, ganhar e fazer amigos. (estudante)

Muitos educadores consideram a competição como algo incompatível para o ambiente escolar, principalmente ao trabalho cooperativo e a na solidariedade. Para Brotto (1997), na cooperação a criança se torna mais compassível, porque compreende que dependerá do auxílio dos outros para alcançar o seu objetivo, de outro lado, em uma situação de competição a criança percebe que o alcance do seu objetivo é incompatível com a obtenção do objetivo dos demais, sendo menos sensíveis as opiniões dos outros, tornando-se mais individualistas. Pátaro e Pátaro (2006, p. 1), acreditam:

¹ Foi solicitado que os alunos se sentassem no chão e em fila, com as mãos, fizessem massagem nos ombros do colega da frente e a narrarem o que sentiram ao fazer e ao receber a massagem.

«[...] não ser possível formar alunos e alunas, para viverem democraticamente, a partir de um ambiente onde as experiências e relações sejam de autoritarismo, violência, competição».

Porém, como dialogar com o argumento possível que surge da observação de que os alunos se formarão em uma sociedade competitiva. A competição surge associada a dimensões de motivação e superação. A competição não deve ser um fim em si mesma, mas um meio de motivação, de determinação e de superação dos próprios limites, situando-se no paradoxo da busca da dificuldade com o objetivo de um melhor desempenho. Apesar disso, existe uma cooperação entre os jogadores da mesma equipe, para alcançar um objetivo comum, e entre os adversários, elemento necessário para que haja a competição. Assim, na fala dos estudantes.

Além de ganhar, uma equipe não consegue jogar se uma pessoa só pensa em si mesma. Por isso, além de ganhar, precisa-se de união, determinação, concentração. (estudante)

Tentar melhorar cada vez mais, tentar vencer e ter dedicação. (estudante)

Se esforçar e dar seu melhor. (estudante)

Trabalho em equipe. (estudante)

Na competição esportiva há uma aproximação, não casual, que abertamente produz uma compatibilidade entre os participantes (Hyland, 1978). Podendo assim, estabelecer uma conexão mais estreita, em que, implicitamente, um seja melhor do que o outro. Nesse caso, a concorrência serve como um estimulante para o desempenho. No jogo competitivo, os momentos de encontro são intensos, imediatos e totais, quando se atinge a realização, por mais que seja momentânea (Mares, 2022).

6. Considerações finais

Nas assembleias destacaram alguns elementos trabalhados nas sequencias pedagógicas com os estudantes: consciência corporal; autoconhecimento; expressão de respeito na relação consigo mesmo e com o outro; superação e empenho; cooperação e competição.

Para Puig (2000) e Araújo (2008), a assembleia de classe é um importante instrumento permitindo que os(as) estudantes possam participar de modo ativo da resolução de conflitos e os problemas de convivência no ambiente escolar, bem como, no planejamento de atividades. É um momento em que alunos(as) e professores(as) dialogam a respeito de todos os assuntos de interesse e pertinentes ao trabalho desenvolvido e à convivência do grupo. Os autores ressaltam que as assembleias de classe devem ser uma atividade habitual e necessária ao cotidiano escolar.

Na discussão sobre os acordos fica claro que no espaço da assembleia não há a imposição de regras e normas, assim como no esporte, onde os critérios são explícitos e os resultados são claros. É um espaço onde há construção coletivas de vivências e práticas da democracia. É um momento ideal que favorece o desenvolvimento de uma

autonomia moral, da empatia e da solidariedade, contribuindo para a uma formação cidadã integral.

Na pauta que tratou do *bullying* percebe-se que a escola deve estar para além da transmissão dos conhecimentos adquiridos historicamente, a escola deve ter a preocupação pela formação dos(as) estudantes para viver e atuar em sociedade de forma democrática, participativa, crítica e autônoma, na qual não é compatível a vivência num ambiente onde as experiências e as relações interpessoais sejam de autoritarismo e violência. E relacionado com o esporte, os participantes, demonstram coragem, dedicação, perseverança e humildade, características atemporais de virtudes humanas. Para além de suas conquistas esportivas, os praticantes conquistam respeito e admiração por suas qualidades pessoais e de caráter (Perez, 2018; Perez, & Rubio, 2014).

O autoconhecimento perpassa pelo chamado espírito esportivo. Que é operacionalizado através do respeito às convenções sociais, as regras esportivas (e as decisões dos árbitros, mesmo quando não compartilhadas) e ao adversário (refletido no interesse, preocupação e consideração com o outro); do comprometimento do praticante com o esporte reconhecendo falhas e fazendo o seu melhor e; expressando-se sobre os comportamentos disruptivos. A internalização desses aspectos se dará por meio de interações sociais do ambiente, ou seja, com as pessoas que o cercam (Vallerand *et al.*, 1996).

Portanto, podemos considerar que no ambiente escolar, pensando nos momentos das discussões, a assembleia de classe acaba influenciando a maneira como os(as) estudantes se relacionam e resolvem seus conflitos em uma situação de mediação dentro de sala de aula, com um imenso potencial para favorecer a compreensão da moralidade, se houver uma organização pedagógica que favoreça a reflexões das atitudes provenientes da condição humana e o esporte torna-se essa possibilidade pedagógica ao apresentar seus conteúdos de forma que sua importância educacional, cultural e social, se constitui em processos que envolvem o respeito, a amizade e o autoconhecimento, além de ser capaz de desenvolver nos alunos as habilidades necessárias para valorizar e discernir entre boas e más práticas cotidianas, conservando, protegendo e valorizando uma sociedade plural e democrática, através de uma participação ativa, superando a suposição simplista de que a interiorização das ações morais se dará de modo estático.

7. Referências

- AQUINO, J. G. (2003). *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*.
 ARAUJO, U. (2008). Resolução de conflitos e assembleias escolares. *Cadernos de Educação*, (31).
 ARAÚJO, U. F. (2015). *Autogestão na sala de aula: as assembleias escolares*. Summus Editorial.
 ARNOLD, P. J. (1992). Sport as a valued human practice: A basis for the consideration of some moral issues in sport. *Journal of Philosophy of Education*, 26(2), 237-255.
 BENTO, J. O. (2006) Da pedagogia do desporto. Em Tani, G; Bento, J. O.; Petersen, R. D. S. (Orgs). *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. pp 26-40.
 BOCCATI, P. A., & SANTOS NETO, S. R. D. (2022). Alasdair MacIntyre e a Filosofia do Esporte: uma discussão comparativa sobre o conceito de prática. *Revista brasileira de ciências do esporte*, 44, e010521.
 BRASIL. (2017). *Base nacional comum curricular. A educação é a base*. MEC.

- BROTTO, F. (1997). *Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar*. Editora Re-Novada. Projeto Cooperação.
- BUTCHER, R., & SCHNEIDER, A. (1998). Fair play as respect for the game. *Journal of the Philosophy of Sport*, 25(1), 1-22.
- CAPLLONCH BUJOSA, M., FIGUERAS, S., & LLEIXÀ ARRIBAS, T. (2014). Prevención y resolución de conflictos en educación física: estado de la cuestión. *Retos. Nuevas Tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 25, 149-155.
- CHATZIEFSTATHIOU, D. (2012). Olympic education and beyond: Olympism and value legacies from the Olympic and Paralympic Games. *Educational Review*, 64(3), 385-400.
- CÔTÉ, J., & GILBERT, W. (2009). An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(3), 307-323.
- CÔTÉ, J., BRUNER, M., ERICKSON, K., STRACHAN, L., & FRASER-THOMAS, J. (2010). Athlete development and coaching. *Sports coaching: Professionalisation and Practice*, 63, 84.
- CURRAN, T., & WEXLER, L. (2017). School-based positive youth development: A systematic review of the literature. *Journal of School Health*, 87(1), 71-80.
- DELORS, J. et al. (1996). Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez.
- DEVINE, J. W., & LOPEZ FRIAS, F. J. (2020). Philosophy of sport. Em E. N. Zalta (Ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*.
- ESCARTÍ CARBONELL, A., GUTIÉRREZ, M. S., & PASCUAL BAÑOS, M. D. C. (2005). *Responsabilidad personal y social a través de la educación física y el deporte*. Graó.
- GOULD, D., & MALLETT, C. (2021). The coaching role. Em *Sport coaches' handbook* (pp. 1-13).
- GUTIÉRREZ, M. S. (1995). *Valores sociales y deporte. La actividad física y el deporte como transmisores de valores sociales y personales*. Gymnos.
- GUTIÉRREZ, M. S. (1998). Desarrollo de valores en la educación física y el deporte. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 51, 100-108.
- GUTIÉRREZ, M. S. (2003). *Manual sobre valores en educación física y el deporte*. Paidós.
- GUTIÉRREZ, M. S., & MONTAIBAN, A. (1994). ¿Qué valores transmite la serie deportiva de dibujos animados Campeones? *Revista Española de Educación Física y Deportes*, 1(2), 26-33.
- GUTIÉRREZ, M. S., & VIVÓ, P. (2005). Enseñando razonamiento moral en las clases de educación física escolar. *Motricidad. European Journal of Human Movement*, 14, 1-22.
- HELLISON, D. (2011). *Teaching responsibility through physical activity*. Human Kinetics.
- HIRAMA, L. K., & MONTAGNER, P. C. (2020). *Pedagogia do Esporte e Valores: Intervenções para Formação da Personalidade Moral*. Editora Appris.
- HYLAND, D. (1978). Competition and friendship. *Journal of the Philosophy of Sport*, 5(1), 27-37.
- HOLT, N. L., DEAL, C. J., & PANKOW, K. (2020). Positive Youth Development Through Sport. Em *Handbook of Sport Psychology*. <https://doi.org/10.1002/9781119568124.ch20>
- MACINTYRE, A. C. (2001). *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Edusc.
- MACHADO, G. V., GALATTI, L. R., & PAES, R. R. (2015). Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. *Movimento*, 21(2), 405-418.
- MAREŠ, L. (2022). The Role of sport in a good life: Aristotle and Suits. *Sport, Ethics and Philosophy*, 16(4), 544-562.
- MILTON-SMITH, J. (2002). Ethics, the Olympics and the search for global values. *Journal of Business Ethics*, 35, 131-142.
- MONTAGU, A. (1988). *Tocar: o significado humano da pele*. Summus.
- MORIN, E. (2017). *O método 6: ética*. Sulina.
- PARRY, J. (1998). Physical education as Olympic education. *European Physical Education Review*, 4(2), 153-167.
- PÁTARO, C. D. O., & PÁTARO, R. (2006). Experiências de assembleias de classe nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Em Programa Ética e Cidadania construindo valores na escola e

- na sociedade]. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/19_pataro.pdf.
- PEREZ, C. R. (2018). Hero and antihero: An ethic and aesthetic reflection of the sports. *Physical Culture and Sport. Studies and Research*, 80(1), 48-56.
- PEREZ, C. R. (2023). Perspectivas éticas no ambiente escolar a luz do pensamento docente. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 28(302), 17-31.
- PEREZ, C. R., & RUBIO, K. (2014). The understanding of Olympic values by Brazilian Olympic athletes. *International Journal of Humanities Social Sciences and Education*, 1(12), 37-43.
- PUIG, J. M. (2000). *Democracia e participação escolar: propostas de atividades*. Moderna.
- REID, H. (2012). Athletic beauty in classical Greece: A philosophical view. *Journal of the Philosophy of Sport*, 39(2), 281-297.
- RUBIO, K. (2008). *O legado heroico do papel social do atleta*. Brasília. p. 217
- RUBIO, K. (2009). *Esporte, educação e valores olímpicos*. Casa do Psicólogo.
- SANTOS, C., PEREIRA, E., & MASCARENHAS, M. (2020). Educational dimension of olympism: A systematic literature review. *South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation*, 42(3), III-132.
- SERRANO-DURÁ, J., MOLINA, P., & MARTÍNEZ-BAENA, A. (2021). Systematic review of research on fair play and sporting competition. *Sport, Education and Society*, 26(6), 648-662.
- TILLMANN-HEALY, L. M. (2003). Friendship as method. *Qualitative Inquiry*, 9(5), 729-749.
- TUBINO, M. G. (2005). A educação física e o esporte do ocidente no século xx. *Arquivos em movimento*, 1(2), 99-100.
- VALLERAND, R. J., DESHAIES, P., CUERRIER, J. P., BRIÈRE, N. M., & PELLETIER, L. G. (1996). Toward a multidimensional definition of sportsmanship. *Journal of Applied Sport Psychology*, 8(1), 89-101.
- ZABALA, A. (2015). *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Penso Editora.